

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

GABRIELLE SILVA CARLOS

A Juventude Negra em Uberlândia:
Rap, identidade e pertencimento

Uberlândia
2026

GABRIELLE SILVA CARLOS

A Juventude Negra em Uberlândia:

Rap, identidade e pertencimento

Trabalho de Conclusão de Curso ou
Dissertação ou Tese apresentado ao Instituto de
História da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção do título
de bacharel e licenciada em História.

Área de concentração: História

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ivete Batista da Silva
Almeida

Uberlândia

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C284
2026

Carlos, Gabrielle Silva, 2000-
A Juventude Negra em Uberlândia [recurso eletrônico] : Rap,
identidade e pertencimento / Gabrielle Silva Carlos. - 2026.

Orientador: Ivete Batista da Silva Almeida.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Uberlândia, Graduação em História.
Modo de acesso: Internet.
Inclui bibliografia.

1. História. I. Almeida, Ivete Batista da Silva, 1967-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em História. III.
Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

GABRIELLE SILVA CARLOS

A Juventude Negra em Uberlândia:
Rap, identidade e pertencimento

Trabalho de Conclusão de Curso ou
Dissertação ou Tese apresentado ao Instituto de
História da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção do título
de bacharel e licenciada em História.

Área de concentração: História

Uberlândia, 20 de março de 2026

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Ivete Batista da Silva Almeida – (UFU)

Prof.^a Dr.^a Marta Emísia Jacinto Barbosa – (UFU)

Prof.^a Kyto Fayola Gomes

Dedico este trabalho à minha família, que foi
meu alicerce em todos os momentos,
especialmente nos mais difíceis.

À minha mãe, por nunca me deixar desistir,
por acreditar em mim até quando eu mesma
duvidei, e por ser minha maior fonte de força e
amor.

Ao meu pai, que sempre sonhou em ver seus
filhos na Universidade Federal e que, com seu
incentivo constante, plantou em mim o valor
dos estudos e da persistência.

Dedico também à galera da cena de
Uberlândia, a todos os MCs que confiaram em
mim, aceitaram compartilhar suas histórias e
fizeram parte dessa caminhada.

Este trabalho também é de vocês. Sem cada
um de vocês, nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, por sempre me incentivarem a seguir em frente. Filha de um marceneiro e de uma passadeira, cresci aprendendo, através deles, que a vida não é fácil - e que o estudo seria o caminho para que eu pudesse sonhar e ir além. Tudo que sou carrega a força e os ensinamentos de vocês.

Ao meu irmão, que sempre esteve ao meu lado, apoiando-me em todos os momentos, e que é, sem dúvida, um dos meus maiores amores.

Ao meu namorado, parceiro e melhor amigo, Gabriel, por caminhar comigo durante essa etapa tão importante da minha vida. Obrigada por estar presente, especialmente nos momentos em que mais duvidei de mim mesma, e por nunca me deixar esquecer do meu potencial.

Aos meus amigos da faculdade e companheiros de militância, que compartilharam comigo não apenas a vida acadêmica, mas também sonhos, lutas e construções coletivas. À CST (Corrente Socialista dos Trabalhadores), que teve um papel fundamental no meu processo de formação, contribuindo para que eu entendesse a mim mesma enquanto mulher negra e para a construção de uma consciência crítica sobre a necessidade de uma sociedade antirracista e anticapitalista.

Por fim, agradeço profundamente à galera da cena de Uberlândia, que, com generosidade e confiança, me apresentou o universo das batalhas e me permitiu acessar histórias, vivências e perspectivas tão potentes. Obrigada pelo acolhimento, pelo respeito e por todo o aprendizado que levarei comigo.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o movimento *hip-hop* e as batalhas de rima na cidade de Uberlândia (MG), buscando compreender de que maneira essas práticas culturais se constituem como espaços de sociabilidade, expressão artística e construção de identidade para jovens participantes do movimento. Além disso, o trabalho discute o surgimento e a consolidação do *hip-hop* enquanto manifestação cultural de resistência, bem como a sua expansão no contexto brasileiro e local. Também são abordadas as experiências das mulheres dentro do movimento, evidenciando os desafios e as formas de afirmação feminina nas batalhas de rima.

Palavras-chave: Hip-hop; Juventude; Batalhas de rima; Cultura periférica; Uberlândia.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar el movimiento hip-hop y las batallas de rimas en la ciudad de Uberlândia (MG), con el fin de comprender de qué manera estas prácticas culturales se configuran como espacios de sociabilidad, expresión artística y construcción de identidad para los jóvenes que participan en el movimiento. Además, el trabajo aborda el surgimiento y la consolidación del hip-hop como manifestación cultural de resistencia, así como su expansión en el contexto brasileño y local. También se analizan las experiencias de las mujeres dentro del movimiento, poniendo de manifiesto los retos y las formas de afirmación femenina en las batallas de rimas.

Palavras-chave: Hip-hop; Juventud; Batallas de rimas; Cultura marginal; Uberlândia.

ABSTRACT

This study aims to analyze the hip-hop movement and rap battles in the city of Uberlândia (MG), seeking to understand how these cultural practices function as spaces for social interaction, artistic expression, and identity formation for young participants in the movement. Furthermore, the study discusses the emergence and consolidation of hip-hop as a cultural manifestation of resistance, as well as its expansion in the Brazilian and local contexts. It also addresses the experiences of women within the movement, highlighting the challenges and forms of female empowerment in rap battles.

Keywords: Hip-hop; Youth; Rap battles; Suburban culture; Uberlândia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 -	Foto vencedor da Batalha do Toca - 50ª edição	25
Imagem 2 -	Logo Batalha do Toca	26
Imagem 3 -	Homenagem Bruno Silvo	28
Imagem 4 -	Batalha da Z.O – Aniversário 10 anos	32
Imagem 5 -	Logo 3 edição Udi <i>Hip-Hop</i> Festival	39
Imagem 6 -	Grupo DMG	40
Imagem 7 -	Logo Batalha do Coreto 034	42
Imagem 8 -	Folhinha da Batalha do Coreto 034	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: OBJETO DE ESTUDO DO HISTORIADOR: SUBJETIVIDADE OU ESCOLHA POLÍTICA?	13
CAPÍTULO 2: JUVENTUDE NEGRA E O RAP EM UBERLÂNDIA	20
CAPÍTULO 3: JUVENTUDE PERIFÉRICA, TRABALHO E EDUCAÇÃO.....	32
CAPÍTULO 4: MULHERES NA CENA: RESISTÊNCIA DENTRO DA RESISTÊNCIA	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45

INTRODUÇÃO

Ao discutir o conceito de juventude, este trabalho parte da perspectiva de que os jovens devem ser compreendidos como sujeitos sociais inseridos em contextos específicos de vida. Nesse sentido, mais do que analisar apenas as manifestações culturais às quais estão ligados — como grupos musicais ou movimentos artísticos — torna-se necessário compreender quem são esses jovens em sua totalidade: considerando as suas trajetórias, experiências cotidianas e as formas pelas quais constroem seus modos de serem jovens. Assim, a participação em práticas culturais, como o *rap* ou outras expressões musicais, não define completamente as suas identidades, mas constitui uma das dimensões que compõem suas experiências sociais.

Além disso, diferentes representações sociais sobre a juventude têm o poder de influenciar a maneira como os jovens são interpretados na sociedade. Muitas vezes, a juventude é vista apenas como uma fase de transição para a vida adulta, marcada pela ideia de que o jovem ainda está em processo de formação, o que tende a desvalorizar as experiências vividas no presente. Outras interpretações romantizam esse período como um tempo de liberdade, experimentação ou até mesmo de crise e conflito. Diante dessas perspectivas, torna-se importante compreender a juventude a partir das experiências concretas vividas pelos próprios jovens, especialmente aqueles pertencentes às camadas populares, considerando suas relações com a cultura, o trabalho, a escola e os espaços de sociabilidade que frequentam.

Ademais, mesmo que esse trabalho tenha como enfoque a juventude negra do *rap*, fez-se necessário uma contextualização sobre o movimento *hip-hop*. Movimento que surgiu nas periferias urbanas dos Estados Unidos, na década de 1970, e se consolidou ao longo do tempo como uma importante forma de expressão cultural e política da juventude negra e periférica. Mais do que um gênero musical, o *hip-hop* constitui um movimento cultural composto por diferentes manifestações artísticas, como o *rap*, o *break*, o *graffiti* e o *DJing*. Desde suas origens, essas práticas estiveram associadas a contextos marcados por desigualdades sociais, raciais e econômicas, funcionando como ferramentas de denúncia, afirmação identitária e construção de redes de sociabilidade entre jovens que vivenciam cotidianamente as contradições da vida nas periferias urbanas. Nesse sentido, a cultura *hip-hop* passou a ocupar um papel significativo na produção de narrativas sobre a realidade social, especialmente entre grupos historicamente marginalizados.

Entre as diversas expressões que compõem o universo do *hip-hop*, as batalhas de rima se destacam como um espaço de encontro, troca e construção coletiva entre jovens. Nessas batalhas, MCs improvisam versos em forma de disputa poética, muitas vezes abordando temas

relacionados ao cotidiano das periferias, às desigualdades sociais e às experiências vividas por seus participantes. Para além da competição, esses encontros também se configuram como importantes espaços de sociabilidade, aprendizado e fortalecimento de vínculos comunitários. Ao reunir jovens em praças e espaços públicos, as batalhas de rima contribuem para a circulação de ideias, saberes e experiências, reforçando a dimensão coletiva da cultura *hip-hop*.

No Brasil, o movimento *hip-hop* começou a ganhar força a partir da década de 1980, especialmente nas grandes cidades, acompanhando transformações sociais relacionadas ao processo de urbanização e ao crescimento das periferias urbanas. Diante disso, o *rap* passou a se consolidar como uma importante forma de expressão da juventude periférica, articulando críticas sociais, denúncias do racismo e reflexões sobre as condições de vida nas margens das cidades. Ao longo das décadas seguintes, o *hip-hop* expandiu-se para diferentes regiões do país, sendo apropriado por jovens que encontraram nesse movimento uma forma de expressar as suas experiências e reivindicar reconhecimento social.

Na cidade de Uberlândia, localizada no estado de Minas Gerais, o *hip-hop* também se consolidou como uma importante manifestação cultural, especialmente entre jovens moradores de bairros periféricos. Nesse contexto, as batalhas de rima passaram a ocupar praças e espaços públicos da cidade. Entre essas iniciativas, nesse trabalho abordarei sobre duas batalhas: a Batalha da Z.O e a Batalha do Toca.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo compreender de que maneira as batalhas de rima e o movimento *hip-hop* se configuram como espaços de sociabilidade, expressão cultural e construção de identidade para jovens participantes dessas práticas em Uberlândia. Para isso, a pesquisa busca analisar as trajetórias, experiências e percepções de integrantes do movimento, a partir de entrevistas realizadas com MCs e participantes das batalhas de rima na cidade.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa baseia-se principalmente na utilização de entrevistas como fonte histórica, valorizando a narrativa e a memória dos sujeitos que participam diretamente da construção dessas práticas culturais. A partir dessas falas, busca-se compreender como os próprios participantes interpretam suas trajetórias, suas relações com o *hip-hop* e os significados atribuídos às batalhas de rima em seu cotidiano. Nesse sentido, o trabalho também dialoga com perspectivas que reconhecem a importância da oralidade como forma de transmissão de saberes e experiências culturais.

Além disso, o estudo procura analisar diferentes dimensões presentes na experiência desses jovens dentro do movimento *hip-hop*, tais como as suas trajetórias no mundo do trabalho, suas relações com a educação e a presença feminina nas batalhas de rima. Essas questões

permitem compreender de forma mais ampla como a cultura *hip-hop* se articula com outras esferas da vida social, revelando não apenas práticas culturais, mas também experiências marcadas por desigualdades sociais, desafios cotidianos e estratégias de resistência.

Dessa forma, ao investigar as batalhas de rima e as trajetórias de jovens envolvidos com o *hip-hop*, em Uberlândia, este trabalho busca contribuir para a compreensão do movimento *hip-hop* como uma importante manifestação cultural contemporânea, capaz de produzir espaços de expressão, pertencimento e construção de identidades entre sujeitos que, muitas vezes, encontram na arte uma forma de narrar suas próprias histórias e reivindicar visibilidade dentro da sociedade.

CAPÍTULO 1: OBJETO DE ESTUDO DO HISTORIADOR: SUBJETIVIDADE OU ESCOLHA POLÍTICA?

Ao longo da graduação sempre refleti sobre o papel da História na nossa sociedade. Entrei no curso com 17 anos, criada dentro da Igreja Evangélica e sem conhecer muito a vida. Em uma das primeiras disciplinas do curso, o professor Paulo Almeida disse: Verdades absolutas não existem. E esse foi o início da minha jornada de imersão na cultura negra e na militância. Pus a prova tudo o que acreditava e me deparei com um mundo complexo e com novas aspirações de futuro, entendi-me enquanto mulher negra e em uma leitura despretensiosa de Lélia Gonzalez compreendi qual era o meu chamado:

Enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo: negros, brancos e nós todos juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma práxis de conscientização da questão da discriminação racial nesse país, vai ser muito difícil no Brasil, chegar ao ponto de efetivamente ser uma democracia racial. No lastro do todo das questões que estão colocadas, o que se percebe é que estamos num país em que as classes dominantes, os donos do poder e os intelectuais a serviço dessas classes, efetivamente, não abrem mão. Eles não estão a fim de desenvolver um trabalho no sentido da construção de uma nacionalidade brasileira; nacionalidade esta que implicará efetivamente na incorporação da cultura negra (Gonzalez, 2019, p. 223).

Lélia escreveu em um momento de anseio pela democracia da nação brasileira, reivindicações por igualdade racial nos Estados Unidos e das lutas por independência dos países africanos. Formada em História e Filosofia pela Universidade do Estado da Guanabara (atual UERJ), apresenta uma característica muito única em seus textos: uma escrita acessível, nada hermética ou truncada. Sem tirar seu rigor acadêmico.

A autora escreveu sobre a africanização do idioma falado no Brasil; o pretoguês. Defendia e leitura de que somos americanos - dos EUA ao Brasil -, entendia que as experiências de colonização conformaram em uma identidade específica que não era necessariamente africana, devido as formas de dominação e resistências vividas pelo povo negro no continente americano.

Durante a graduação os textos da Lélia nunca apareceram nas bibliografias dos planos das disciplinas, fossem elas obrigatórias ou complementares¹. Conheci seus textos no segundo período, que foi um divisor de águas na minha formação enquanto historiadora e pessoa preta.

¹ Reflexo de um silenciamento das autoras negras em detrimento dos autores brancos canônicos. Para ver mais sobre: OLIVEIRA, Maria da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à História da historiografia. **História da Historiografia**, v. 11, n. 28, pp. 104-140, 2018.

Somente a partir das problematizações dos textos da autora é que se tornou possível adentrar as temáticas de negritude dentro do campo da História bem como sobre os tipos de História que eu poderia fazer. Até ingressar na faculdade eu não havia ido à nenhuma batalha de *rap*, após algum tempo é que tive a oportunidade de conhecer algumas batalhas e um pessoal muito firmeza do movimento. E, aos poucos, despertou em mim o interesse de estudar essa juventude, seus modos de viver e ver o mundo; e entender qual é a relação desses jovens com a cidade de Uberlândia, com o avanço do capitalismo e aprofundamento das crises.

Para pensarmos qual teoria e metodologia guiará essa pesquisa, é importante retomarmos o debate acerca de como a História se constitui enquanto uma ciência. Durante o século XIX houve uma discussão acalorada voltada para a definição de ciência. Até então, a História era compreendida como um gênero literário. Foi na segunda metade do século XIX, a partir da definição do método historiográfico e das fontes em potencial, que a História se constituiu como ciência.

À época, os historiadores Charles Seignobos e Charles Langlois publicaram um livro intitulado *Introdução aos estudos históricos*². Nele foi elaborada uma série de regras metódicas que os historiadores deveriam seguir, e o esquema crítico proposto pela denominada Escola Metódica consistiu em provar se o registro históricos contém informações verdadeiras ou não. Uma série de documentos foram descartados, e somente aqueles de caráter “oficial” (de Estado) foram considerados fontes válidas. Além disso, foi proposto que a relação do historiador com o seu objeto de pesquisa deveria ser estabelecida de forma objetiva, distante, pois a pesquisa não poderia ser atravessada pela subjetividade do pesquisador.

Importante ressaltar que esses primeiros estudos historiográficos foram utilizados - no decorrer do século XIX - para a construção de uma identidade nacional dos Estados-Nação, uma construção de comunidades imaginadas com um mito de origem comum³. Nesse sentido, as pesquisas estavam voltadas para tal construção.

Na primeira metade do século XX ocorre o surgimento da Escola do Annales, que promoveu uma verdadeira “revolução documental” na área da História. Os historiadores pioneiros nessa empreitada crítica, direcionada à Escola Metódica, foram Marc Bloch e Lucien Febvre. Estes pesquisadores confrontaram os fundamentos da história produzida no século XIX, entendendo que não há a possibilidade de os documentos falarem por si só. A crítica

² LANGLOIS, Ch; SEIGNOBOS, Ch. **Introdução aos estudos históricos**. São Paulo: Renascença, 1946.

³ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

deveria começar pelo questionamento do documento, que não teria que restringir-se somente aos registros oficiais, mas acomodar tudo aquilo que remete ou atribui sentido ao passado.

A corrente historiográfica na qual nos basearemos ao longo da pesquisa é a História Social. Esta corrente nasceu na terceira fase da Escola dos Annales e tem como objetivo subverter o modo de se fazer história, propondo uma história “vista de baixo”⁴. Sua proposta não é estudar os grandes feitos, as grandes histórias, mas os homens e mulheres comuns, os camponeses, os operários, os tecelões. Vários grupos ao longo da história foram recorrentemente negligenciados e tiveram suas histórias inviabilizadas. A escolha dessa perspectiva se dá pela pretensão que a pesquisa possui de correlacionar as experiências desses jovens com a estrutura da sociedade brasileira (e suas intersecções de classe, gênero e raça).

Compreendo a importância de trabalhar esses conceitos em conjunto, pois essas opressões corroboram para a manutenção do sistema capitalista. Se pensarmos no processo histórico da escravidão, veremos que o que estava colocado era a acumulação primitiva de capital⁵, enquanto a população negra estava sendo subjugada e domesticada, em detrimento de lucros para a colônia. Como pontua o Nego bispo, as grandes navegações não tinham como objetivo único encontrar especiarias, o que estava colocado era a subjugação de outros povos:

Dentre as que mais me chamaram a atenção há as Bulas Papais. Senão vejamos: Nós [...] concedemos livre e ampla licença ao rei Afonso para invadir, perseguir, capturar, derrotar e submeter todos os sarracenos e quaisquer pagãos e outros inimigos de Cristo onde quer que estejam seus reinos [...] e propriedades e reduzi-los à escravidão perpétua e tomar para si e seus sucessores seus reinos [...] e propriedades" (Bula "Romanus Pontifex", Papa Nicolau V, 08 de janeiro de 1455) (Santos, 2015, p. 6).

Para além disso, no século XIX, as teorias raciais buscaram legitimar essa hierarquização dos povos. No texto: *Teorias Raciais*, de Lilia Schwarcz⁶, a autora resgata um panorama histórico do conceito “raça”, mais especificamente sob a influência da teoria da evolução de Charles Darwin: “A novidade não estava só na tese anunciada, mas também na terminologia utilizada pelo cientista. Rapidamente expressões como “sobrevivência do mais apto” (...) escapavam do terreno preciso da biologia e ganhavam espaço nas demais disciplinas” (2019, p. 424).

⁴ CASTRO, H. História Social. In CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. RJ: Elsevier, 1997.

⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Teorias Raciais*. In: **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

Rapidamente, estudos sobre criminologia ligada à etnia serviram como base para a justificação da colonização e a perseguição da população negra, e, nos países em que estava acirrada a luta pela abolição, essa narrativa racista - disfarçada de científica - deixava claro que existia a possibilidade de liberdade, mas não de igualdade em relação à branquitude burguesa:

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (Quijano, 2005, p. 118).

Tal excerto explicita o apelo dos senhores para uma abolição gradual e, após a abolição, por uma exclusão - ou tentativa -, do direito à cidadania para os negros e negras. Acerca da cidadania, no caso brasileiro, atestam-se inúmeras tentativas de impedir o ingresso da população negra no sistema educacional⁷, incentivo à imigração europeia como tentativa da substituição da mão de obra negra e “aprimoramento” dos valores da nação com elementos civilizatórios europeizados. Acerca da exclusão no sistema educacional:

Ainda em 1854, por meio do Regulamento da Instrução Primária e Secundária no Município da Corte (lei 1331 A, 17/02/1854), o público alvo do ensino primário e secundário foi delimitado. O acesso às escolas criadas pelo Ministério do Império era franqueado à população livre e vacinada, não portadora de moléstias contagiosas. Os escravos eram expressamente proibidos de matricular-se nas escolas públicas. Excluindo os cativos, a legislação da Instrução Pública estabelecia e ratificava a distinção fundamental da sociedade imperial: a que marcava a subordinação dos escravos aos homens livres (Schueler, 1999).

⁷ PEREIRA, Amilcar Araujo. Movimento negro contemporâneo, memória e educação: aspectos da luta anti-racista na segunda metade do século XX. In: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH, Natal, 2013. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposio/arquivos/1364333306_ARQUIVO_TextocompletoANPUH2013-AmilcarPereira.pdf. Acesso em: 21 set. 2025.

Schwarcz também resgata: o olhar do colonizador desde o primeiro contato com a América e como foi construída a narrativa do selvagem e do civilizado; o que, como observamos anteriormente, é o fio condutor para dar as bases necessárias para construção do racismo “científico”. No texto *Discurso sobre o colonialismo*⁸ de Aimé Césaire, publicado pela primeira vez em 1955, o autor trabalha a ideia de como o colonialismo é prejudicial não apenas para o colonizado, mas também para o colonizador. Ressaltamos que, no contexto de publicação desse discurso, o Congo e Madagascar ainda eram colônias francesas, no calor das lutas pela libertação.

O autor chama nossa atenção para aquilo que a Europa entende como “civilização necessária”, o que, para ele, é um processo de “asselvajamento”. A partir de um olhar crítico e anticolonialista, o Césaire demonstra como a civilização europeia - moldada por 200 anos no regime burguês - é uma **civilização doente**:

Onde quero eu chegar? A esta ideia: **que ninguém coloniza inocentemente**, nem ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização – portanto, a força – é já uma civilização doente, uma civilização moralmente ferida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, chama o seu Hitler, isto é, o seu castigo (Césaire, 1995, p. 11, grifo acrescentado).

Na história eurocêntrica, são difundidas as ideias de “descobrimento”, “civilização” e uma contante necessidade de TUTELAR o outro, por sua dita incapacidade. Isso posto, a genialidade do autor reside na quebra dessa narrativa tendenciosa e eurocêntrica de que as populações negra e indígena foram as únicas que sofreram. Além disso, Césaire pontua que o intercâmbio entre nações é benéfico, a questão em África é como se deu essa troca. Fanon também se assemelha à perspectiva de Césaire. Sendo que, para Fanon, o colonialismo produziu essa hierarquia racial, o que justificou e legitimou a exploração.

Mas fato é que a resistência foi uma constante nesse processo: do samba ao *jazz*, dos pontos de jongo ao *rap*, das panteras negras às lutas pela libertação na África, dos movimentos abolicionistas até pelo fim da Ditadura civil militar brasileira e em defesa da redemocratização.

A partir desse olhar macro, pensarei as experiências desses jovens com a educação, mundo do trabalho e com a cultura, em Uberlândia. Tecendo as correlações com esse pano de fundo: racismo estrutural, base estruturante do sistema capitalista. Como metodologia utilizarei

⁸ CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. Ilustrações de Marcelo D’Saete. São Paulo: Veneta, 2020.

a História Oral. A escolha de trabalhar com fontes orais perpassa uma reflexão sobre a população negra e a tradição oral nas culturas africanas:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África (Hampâté Bâ, 2010, p. 167).

Acerca dessa metodologia, a utilização da História Oral, no Brasil, consolidou-se de forma mais sistemática a partir da década de 1970, embora entrevistas já fossem utilizadas anteriormente por alguns historiadores. Um marco importante nesse processo foi a iniciativa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que, em 1974, incluiu técnicas de História Oral em um curso de especialização em História a nível de pós-graduação; contribuindo para a formação dos primeiros pesquisadores brasileiros nessa área. A partir dessas iniciativas, cursos, pesquisas e centros de documentação começaram a se desenvolver em diferentes universidades do país, ampliando o uso das entrevistas como fonte histórica e fortalecendo a História Oral como importante metodologia para a produção do conhecimento histórico.⁹

Considero relevante mapear o momento em que a História Oral começou a aparecer no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). “Em abril de 2002, a Universidade Federal de Uberlândia teve a oportunidade de sediar a Missão de Trabalho sobre Memória e História Oral, sob coordenação da Professora Dra. Yara Aun Khoury”, motivado pela preocupação dos professores com o desenvolvimento das pesquisas realizadas pelos estudantes.

Durante esse processo, os docentes perceberam as limitações presentes nas fontes históricas tradicionais, marcadas pela predominância de registros oficiais e de uma memória socialmente legitimada, que muitas vezes invisibilizava diferentes sujeitos e experiências da história regional. Diante desse cenário, os professores passaram a buscar novas possibilidades metodológicas, aproximando-se da História Oral como forma de ampliar o campo de investigação histórica e incorporar narrativas e memórias que não estavam presentes na documentação escrita. Assim, a utilização da história oral passou a contribuir para a construção

⁹ CORRÊA, Carlos Humberto Pederneiras. **O documento de história oral como fonte histórica**: uma experiência brasileira. 1977. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1977.

de análises mais amplas sobre os processos sociais, considerando as experiências, memórias e interpretações de diferentes sujeitos históricos.

Somada e essa preocupação de fugir de uma História dita oficial, Portelli (2014) coloca como as fontes orais ajudam o historiador a compreender determinados contextos que apenas a fonte escrita não possibilitaria. Para além dessa possibilidade de análise com fontes orais, o motivo de tal escolha metodológica se deu devido à própria presença da oralidade na cultura *hip-hop* como fruto dessa ancestralidade:

A palavra que é base da cultura africana que está totalmente atrelada a essa oralidade, e como o hip-hop a situação não é diferente, até porque como eu disse anteriormente hip-hop é essencialmente PALAVRA, seja ela escrita, falada, cantada, rimada ou pintada (Silva, 2019, p. 46).

Enquanto mulher negra, a terceira neta da dona Olívia a se formar, fruto de políticas públicas como a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), compreendo que minha pesquisa tem como finalidade a transformação social. A fim de evidenciar as mazelas do sistema capitalista e escrever uma História dos meus. O que nem sempre me foi possível saber. Busco produzir uma pesquisa que rompa com a branquitude e o colonialismo ainda presentes na academia, trazendo sujeitos periféricos para o centro do debate. Para que alcancemos uma sociedade mais igualitária, antirracista e anticapitalista. Conforme Walter Benjamin (1994):

Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer (Benjamin, 1994, p. 223).

CAPÍTULO 2: JUVENTUDE NEGRA E O RAP EM UBERLÂNDIA

Antes de adentrarmos na cena¹⁰ de Uberlândia, se faz necessário contextualizar como o *hip-hop* surgiu. Seu início remonta aos Estados Unidos, especialmente nos bairros periféricos de Nova York, durante as décadas de 1960 e 1970, em um contexto marcado por desigualdades sociais, racismo e precariedade urbana.

O *Hip-Hop* foi desenvolvido principalmente por jovens negros e latinos, o movimento incorporou diferentes formas de expressão artística, como o *rap*, o *DJing*, o *breakdance* e o *grafitti*. Mais do que um estilo cultural, o *hip-hop* tornou-se um importante espaço de manifestação social e política, permitindo que jovens das periferias expressassem suas experiências, denúncias e reivindicações, articulando arte, identidade e cidadania¹¹.

O processo migratório também foi um fator importante para a formação social de cidades como Nova York. Dois movimentos migratórios são especialmente relevantes nesse contexto: o primeiro refere-se à presença de africanos trazidos ao continente americano durante o período da escravidão, e o segundo diz respeito à imigração de populações caribenhas, provenientes de países como Porto Rico, Jamaica e Cuba, que chegaram aos Estados Unidos em busca de melhores condições de vida, sobretudo após a crise socioeconômica que se intensificou no período posterior à Segunda Guerra Mundial:

As festas de rua onde o hip hop se originou, portanto, carregavam por conta de ser uma festa negra um conteúdo social bastante importante. Não podemos nos esquecer que essas festas surgiram pós-movimentos por direitos civis, isto é, eram ainda a expressão social de um setor da população norte americana que tinha saído às ruas por direitos e contra o racismo. (...) Foram os Panteras Negras, Martin Luther King, Malcom X que inspiraram essas gerações de jovens que construíram a cena hip hop em seu conjunto. Quando organizavam essas festas de rua não apenas o faziam para se divertir, também queriam dizer que a luta não havia acabado, e sobretudo, o antirracismo seguiria fazendo parte de suas vidas (Esquerda Diário, 2023).

O *hip-hop*, no Brasil, surge na década de 1980, influenciado pelo movimento desenvolvido nos Estados Unidos, especialmente nas periferias de Nova York. No contexto brasileiro, entretanto, o movimento passou por um processo de tradução cultural, sendo apropriado pela juventude negra e periférica como forma de expressão artística e política. Nesse sentido, o *hip-hop* consolidou-se como um importante espaço de resistência e organização

¹⁰ Entende-se por movimento *Hip-Hop*.

¹¹ OLIVEIRA, Denílson Araújo de. **Cultura política urbana: uma análise da inscrição territorial do hip-hop no bairro de Monjolos, São Gonçalo (RJ)**. Disponível em: [Acessar artigo na Academia.edu](#). Acesso em: 11 mar. 2026.

social, permitindo que jovens das periferias denunciassem desigualdades e expressassem suas experiências por meio de diferentes linguagens culturais, especialmente através do *rap*, que frequentemente assume o papel de narrativa sobre o cotidiano e as lutas sociais dessas comunidades: “O rap representa, dessa maneira, a entrada de uma nova postura no discurso da periferia. O racismo aparece de forma direta e sem subterfúgio, assim como a cultura se mistura com a política de forma evidente” (Félix, 2018, p. 147).

Entrando na cena de Uberlândia, constata-se que o *hip-hop* está estruturado a partir de diferentes expressões culturais que compõem os pilares tradicionais do movimento. Entre eles destacam-se o *graffiti* e a pixação, responsáveis pela produção da arte urbana; os *b-boys* e *b-girls*, ligados à dança de rua; os DJs, responsáveis pela base musical; e os MCs, que se destacam principalmente nas batalhas de rima. Esses diferentes pilares não atuam de forma isolada, mas se articulam por meio de coletivos e redes de sociabilidade.

Nessa pesquisa pretendemos analisar o rap em específico e como se organiza essa rede de sociabilidades e identificações entre os jovens. As batalhas sobre as quais irei comentar neste capítulo são duas – e em que estive presencialmente -: a Batalha da Z.O e a Batalha do Toca. Mas é importante destacar que hoje a cena em Uberlândia contempla várias outras batalhas, tais como a Batalha do Coreto 034, a Batalha do Toca, a Batalha do Canaã e a Batalha da Paris¹².

Durante as entrevistas, pude perceber que a frase “O *Hip-Hop* salva” era constantemente reforçada. O filho da Bruxa¹³ disse que tem a parte boa e a parte ruim da rua, e o *hip-hop*, nesse sentido, cumpre um papel educativo nas ruas e nas vidas das crianças da periferia. Nos relatos, o *hip-hop* era citado como um movimento em que eles se sentiam acolhidos e um espaço no qual a troca de aprendizado é constante. Para além disso, pude perceber o incomodo em relação à falta de apoio, mas eles sinalizaram que, apesar da falta de incentivo público, eles continuam construindo esses espaços. Percebe-se, ainda, como essas trocas foram importantes na formação deles como pessoas pretas, sobretudo por tirarem eles de um caminho ruim:

Eu acho que a importância das batalhas de rima é um espaço para acolher as pessoas, as vezes a falta de acesso a informação deixa as pessoas ignorante, aí um lugar onde tem várias pessoas trocando ideia e se acolhendo. O principal desafio que eu vejo é a falta de apoio, muitas vezes você vê aí a praça tá feia, tá sem aparar as gramas, porque a prefeitura meio que largou o bagulho. E a gente tira tudo do nosso bolso, caixinha de som e um ou outro ajuda. Mas a gente faz os bagulho é por amor mesmo (MC Sentinela. Entrevista concedida à autora. Uberlândia, 2026).

¹² Inicialmente essa batalha chamava Batalha da suburbia. Está paralisada há um tempo, a responsável era a MC Santa Irá.

¹³ O nome “Filho da Bruxa”, segundo o artista, é oriundo de uma música produzida por ele que se inspirou no fato de ser filho de mãe espírita. Ele conta que a mãe, através de uma regressão, soube que havia sido uma bruxa que morreu de velhice. Além disso, de acordo com o artista, o codinome “Filho da Bruxa” se tornou mais acessível ao público que o acompanha do que o nome anterior que era “Weed”.

Compreendo que a capacidade de salvação remetida ao *Hip-Hop* consiste no fato de que é neste espaço onde os jovens se sentem ouvidos e se reconhecem entre si. Ademais, possuem as mesmas dores: trabalho exaustivo, dificuldade financeira e situações de racismo, sendo assim, a batalha é uma forma de expressar as denúncias e as infelicidades, mas de também ser abraçado por aqueles que compartilham suas dores. É um processo de cura. E acho importante destacar a circularidade presente nas rodas, característica das tradições de cultura africana: “As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares” (Bispo, 2015, p. 41).

O MC Sentinela é um jovem de 17 anos, muito atento à realidade em que vive. E despertou-me, ao longo da entrevista, muitos sentimentos. Um deles é a potência dos talentos dessa juventude e a falta de valorização dessa cultura. O MC Sentinela atualmente é o responsável pela Batalha do Toca (Bairro Tocantis), a batalha começou no dia 3 de setembro de 2017 - como uma ação do movimento Levante Popular da Juventude – e desde então ela segue.

Sentinela conta que, no início das batalhas, aparecia a polícia e, com o tempo, eles perceberam que se tratava apenas da batalha de rima e pararam de aparecer. Esse relato da polícia também aparece nas falas do Filho da Bruxa, que é o atual responsável pela Batalha da Z.O (Zona Oeste); e a praça em que se organiza a batalha tem a autorização da Associação de Moradores do Bairro Planalto. Ele disse que a polícia já tentou breicar o rolê perguntando se tinham autorização e, por ser da associação, eles sempre tinham o documento solicitado, por isso a polícia parou de colar.

A Batalha do Toca é realizada toda quinta-feira, na praça Antônio Martins. Geralmente colam em torno de 10 a 15 pessoas. No dia em que entrevistei o MC Sentinela acompanhei a 50ª edição da batalha (05/02/2026), que tinha por volta de 11 pessoas, sendo 5 MC; na ocasião, contariam com mais um MC confirmado para formar as duplas necessárias, mas ele cancelou de última hora. Depois que o Sentinela confirmou os nomes dos MC, todas as pessoas se juntaram em uma roda e chamaram todo mundo para o grito inicial da batalha. A meu ver, a parte final é a melhor: “não briguem se matem”. E esse foi um dos primeiros aspectos que compreendi na organização das batalhas, o de que lá é um *ring*. É um campo de batalha. O que remonta a origem do *Hip-Hop* conforme citado acima, da juventude ter outro caminho, uma gangue, mas que a arma seja o conhecimento e as batalhas sejam de rima.

Na batalha que acompanhei não foi definido previamente um tema para debater em si, era rima contra rima. Um dos MC's da roda tinha uma pegada de criticar muito o oponente, então as rimas sobre o adversário eram sempre sobre como ele era feio e não sabia rimar, fiquei

curiosa para saber se existem tipos de batalhas diferentes e identifiquei que as batalhas podem ser caracterizadas de duas maneiras:

As batalhas de rima, portanto, podem ser caracterizadas de duas maneiras: Batalha de Sangue, onde o objetivo principal é atacar o mc adversário através das chamadas *punchline's*, ou então a chamada Batalha de Conhecimento onde é escolhido um tema prévio para que os mc's possam rimar sobre. Apesar de haver essa distinção, nada exclui a possibilidade que uma Batalha de sangue tenha o seu viés de conhecimento, e vice versa, uma vez que, por se tratar de um improviso propriamente dito é difícil ter uma noção de para onde a batalha caminhará (Silva, 2019, p. 37).

Na Batalha do Toca as rimas eram de acordo com cada elemento que um MC trazia, assim, na roda, falaram sobre: capitalismo, falta de incentivo da prefeitura, anime, aparência um do outro. E quando um não rimava bem não era rechaçado pela plateia, a galera ria, mas não em tom de deboche e logo já levantavam a mão para animar. Esse aspecto de estar junto e em roda era a todo momento falado pelo MC Guilhermano: “gente levanta as mãos aí, a batalha pode ser pequena, mas a nossa energia é grande”.

Eu me senti muito acolhida na batalha, todos que chegaram (mesmo que não me conhecessem) cumprimentaram a mim e faziam questão da presença de cada um que estava ali. Essa percepção não é única, no trabalho de conclusão de curso do Pedro Santana que estudou a Batalha do Coreto 034 ele expressa o mesmo sentimento:

Contudo, a insegurança durou pouco tempo visto que o ambiente é construído para que todos se sintam acolhidos e, nesse ponto, o ideal de família é algo fundamental. Toda vez que a apresentadora R Jay ia chamar atenção da plateia como um todo ela utilizava da palavra “família”: OHH FAMÍLIA VAMO FAZER SILÊNCIO PARA BATALHA! ou então OHH FAMÍLIA CHEGA MAIS QUE VAI COMEÇAR! E quando era para falar com alguém especificamente não era incomum ela, assim como outros membros da organização do evento, se referirem uns aos outros como irmãos ou irmãs. Segundo a própria R Jay, chamar de família é mais do que fazer que com que os outros se sintam acolhidos naquele espaço, mas também demonstrar que tudo aquilo não é construído sozinho (Silva, 2019, p. 9).

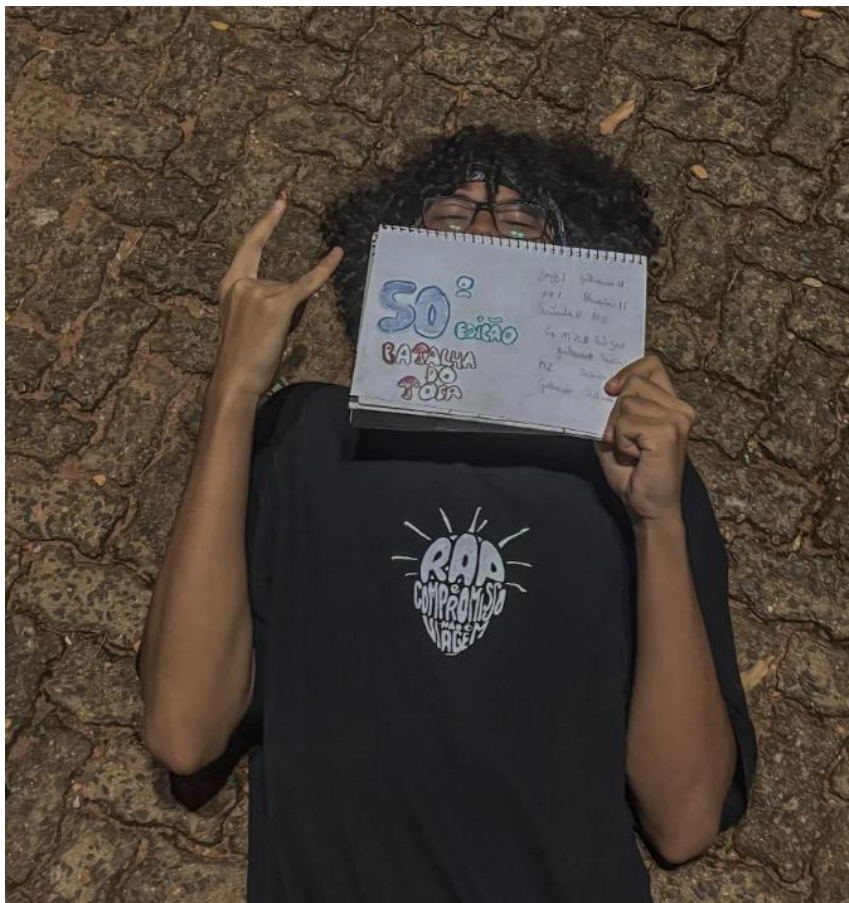
Outro elemento que pude observar são as folhinhas com o nome dos MC e quem estava ganhando cada round¹⁴. No dia citado aqui, Sentinela pediu para eu fazer e eu não entendi muito bem, mas escrevi o nome dos MC's, desenhei que era a 50ª edição da batalha, escrevi o nome do MC que estava em cada *round* e o vencedor, e o ganhador final no dia foi o Sentinela. Posteriormente, ele tirou foto com a plaquinha e eu pude observar que em todo final de batalha

¹⁴ Após cada batalha o MC que está coordenando pede para todos votarem em quem gostou mais, bate palma se não gostou e faz barulho se gostou. Geralmente acontece dois *rounds*, mas se empatar tem o terceiro.

há essa foto do vencedor. E, nesse contexto, a folhinha simboliza o troféu deles; que é o reconhecimento na batalha:

No final das batalhas, o Mc campeão leva para casa a famosa “folhinha”, como prêmio, que são as anotações das “chaves” dos duelos no decorrer das batalhas. Essas chaves são desenhadas na “folhinha” e esquematizadas no mesmo formato das chaves dos campeonatos de futebol (Souza, 2026, p.10).

Imagem 1 – Foto vencedor da Batalha do Toca - 50ª edição.



Fonte: batalha_do_toca. Instagram, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DUabrQggExA/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

Imagem 2 – Logo Batalha do Toca.



Fonte: batalha_do_toca. Instagram, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DVOJ4G7kZpY/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

Outro jovem que entrevistei que é responsável pela organização da Batalha da Z.O é o Filho da Bruxa, 28 anos, MC e produtor cultural. Ele relata que conheceu o *rap* através da dança. Nascido e criado em Uberlândia, no bairro Jaraguá, conta que o funk e a dança eram muito presentes no bairro. Ele começou a dançar na Igreja Sal da Terra e depois na Monte Sião, onde conheceu o *break*. Nesse percurso, pôde conhecer a batalha Rima na Praça, que ocorria na Praça do Redondo (Sergio Pacheco). As rimas eram na capela e quando Filho da Bruxa viu as batalhas logo já se identificou. Começou a fazer *rap* em 2014/2015 e, ao se mudar para o bairro Planalto conheceu pessoas como Bruno Silva, Tejeta, Aladin, Doidera e o Ópio, que foram importantes na jornada do artista para seguir no *rap*.

A Batalha da Z.O surgiu a partir da iniciativa de Bruno Silva, após o falecimento de um conhecido no bairro Planalto. A morte aconteceu nas quadras esportivas próximas ao Cemitério Bom Pastor e acabou afetando a relação dos moradores com aquele espaço. Depois do ocorrido, as quadras deixaram de ser utilizadas pela comunidade e passaram um tempo sem atividades esportivas ou culturais. Diante dessa situação, Bruno Silva teve a ideia de ocupar novamente o local por meio da cultura *hip-hop*, buscando transformar o espaço em um ponto de encontro para jovens da região. Foi assim que surgiu a Batalha da Z.O, um evento de MCs que já contou

com diversas edições realizadas nas quadras e que hoje recebem o nome de Quadra de Esportes Bruno Silva, em sua homenagem.

Após sua morte, em 2016, a continuidade das batalhas e de outras atividades culturais passou a ser organizada pela Treze Clan Prod., formada por integrantes que participaram da criação do projeto e que seguem desenvolvendo esse trabalho até hoje, incentivando crianças e jovens a se aproximarem da cultura *hip-hop* e da arte¹⁵.

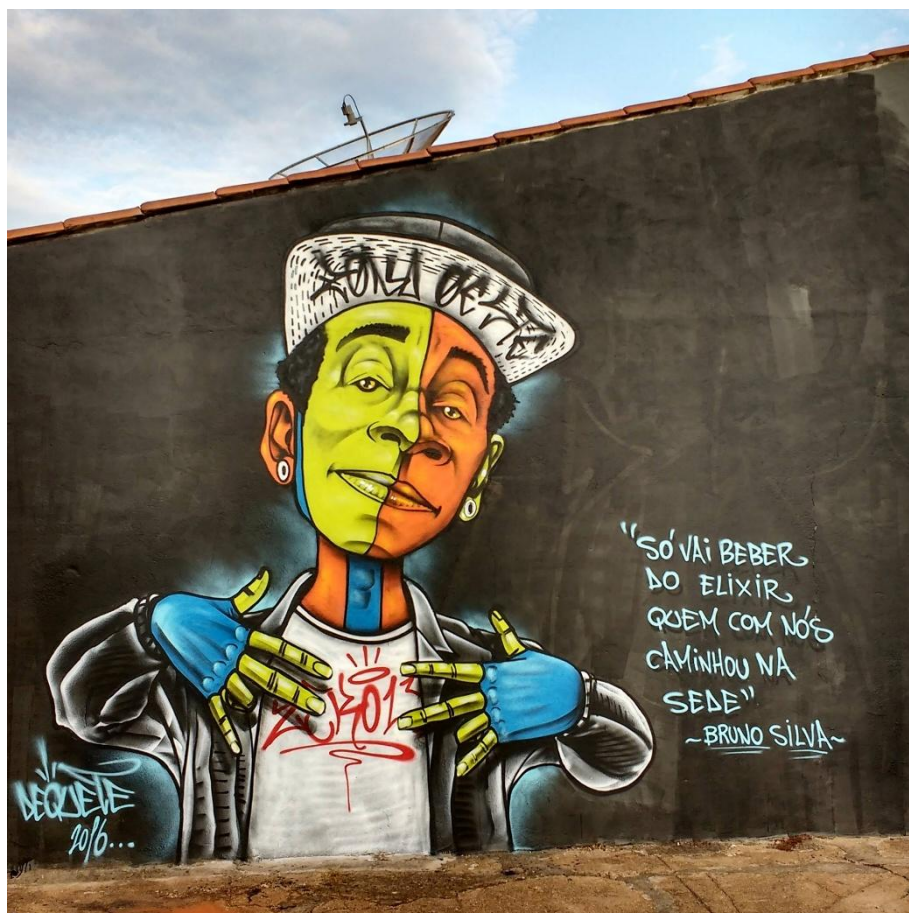
A primeira batalha que foi feita foi no teatro municipal, mas aí falaram que não podia, que tinha que ter autorização. E era um lugar público. Ai o Bruno falou “quer saber? Vamos fazer lá nas quadras”, certo? Fez a primeira batalha e o bagulho foi brabo, colou altas pessoas. Colou galera do break, grafitti, do slam, freestyle. Ai o que aconteceu, nas primeiras batalhas a polícia zikou, mas o que acontece, aquelas quadras são da associação do bairro, tá ligado? Ai não tinha muito o que eles falar (Filho da Bruxa, entrevista concedida a autora, 2026).

Filho da Bruxa relata que Bruno Silva foi muito importante para o processo de compreensão sobre o que era o *rap* de fato:

O bruno era muito luz. Luz pra caralho, já vi ele vender o celular dele pra comprar uma caixinha de som pra uma batalha que não ia trazer dinheiro nenhum, ta ligado? Só pelo feito mesmo. Na época ficamos desestruturado, porque o cara era o corre, sabia fazer mesmo, a gente ia no ônibus na ufu, nas praça, o cara corria pra caralho. Minha mãe fala que o Bruno salvou minha vida por conta das coisas que eu fazia. O Bruno me mostrou o que é o rap, aquilo que arrepiava. É uma dívida eterna pra mim. (Filho da Bruxa, entrevista concedida a autora, 2026).

¹⁵ TREZE CLAN PROD. **Batalha da Z.O – Treze Clan Prod.** Uberlândia, 2025. Disponível em: <https://mapa.cultura.gov.br/files/agent/1754892/batalha-da-z-o-treze-clan-prod-1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2026.

Imagem 3 – Homenagem Bruno Silvo.



Fonte: TREZE CLAN PROD. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1349039025108939&id=1040582009287977&set=a.1084440744902103>. Acesso em: 12 mar. 2026.

Observou-se que em todos os relatos sobre as batalhas aparece o aparelho repressor do Estado: a polícia. E essa não é uma ação isolada, tem a ver com o próprio histórico de racismo que as práticas culturais do povo negro sempre sofreram no Brasil. Desde a capoeira, ao samba e até o *funk* temos um denominador em comum: racismo estrutural. E essa vigilância da polícia nunca é para promover a segurança dos jovens que estão na batalha, é com intuito de abordar eles depois.

Porém, na verdade, esses jovens não estão promovendo a criminalidade e o uso de drogas, trata-se de um movimento de educação popular, de troca de experiências e aprendizados e o que eles fazem é **cultura**: “Ao contrário da imagem socialmente criada a respeito dos jovens pobres, quase sempre associada à violência e à marginalidade, eles também se posicionam como produtores culturais” (Dayrell, 2002, p. 119).

Falta apoio da galera de Uberlândia que nem sempre cola, porque batalha tem todo dia, toda semana vai ter batalha, e também do governo da prefeitura, o que que custa

dar uma caixinha de som para os moleque? Tá ligado? Ai sabe quando eles aparecem? Ano de eleição. Ai vem ‘‘bla bla bla’’, mas pra mim isso é conversa pra boi dormir, tá ligado? (Filho da Bruxa, entrevista concedida a autora, 2026)

É relevante fazermos um recorte sobre a cidade de Uberlândia, esses jovens relatam desconfortos em muitos lugares, supermercados, shoppings centers e alguns bairros específicos. Mas como se formou a cidade de Uberlândia? E por quê os jovens negros não se sentem incluídos aqui?

Uberlândia apresenta características bastante particulares dentro do estado de Minas Gerais. Apesar de ser, atualmente, a segunda maior cidade mineira, sua formação histórica difere daquelas associadas às tradicionais cidades históricas, como Ouro Preto e Mariana. Diferentemente desses centros, cuja origem está ligada à exploração mineral, Uberlândia se desenvolveu em uma região onde não havia minas de ouro ou outros recursos que despertassem grande interesse econômico no período colonial. Por esse motivo, durante muito tempo a localidade permaneceu relativamente à margem das principais dinâmicas econômicas do estado.

Com o avanço da produção agrícola e com o processo de urbanização da região Centro-Oeste brasileira, a cidade passou a ganhar maior relevância regional, consolidando-se posteriormente como um importante polo do setor varejista no país. E essa é a parte da história oficial de Uberlândia que é colocada no Museu Municipal e na forma com que a prefeitura se projeta. Uberlândia é esse polo forte na produção agrícola, mas a realidade é que esse processo de urbanização desorganizada gerou **desigualdades sociais, expansão periférica e concentração de renda**¹⁶.

As empresas imobiliárias apropriaram-se do solo urbano e impuseram-lhe uma forma desorganizada de uso. Venderam-se lotes não providos de infraestrutura e transportes, dificultando a vida da população de baixa renda que, habitando os subúrbios da cidade, gastava mais tempo em seu deslocamento diário. Os moradores aí instalados mobilizaram-se para reivindicar junto ao Poder Público Local a extensão de água, energia elétrica, pavimentação das ruas, esgoto sanitário e transporte coletivo (Soares, 1988, p. 67).

O crescimento populacional de Uberlândia tornou-se ainda mais evidente a partir da construção de Brasília, que impulsionou o desenvolvimento da região central do país. Entre as décadas de 1940 e 1970, a população local passou de aproximadamente 20 mil para mais de 110 mil habitantes, o que contribuiu para a expansão urbana e para o surgimento de novas áreas

¹⁶ SOARES, Beatriz Ribeiro. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**. 1988. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

periféricas. Nesse contexto, o capital imobiliário também exerceu influência significativa no processo de urbanização da cidade: “o crescimento acelerado desdobrou-se na expansão da cidade em todas as direções, bem como produziu na periferia meios de moradia como o cortiço, a favela e a coabitação” (Fernandes, Leme e Lenk, 2015, p. 8).

Atesta-se, portanto, que Uberlândia possui em sua gênese uma contradição de classe muito bem demarcada. E isso reflete na atuação da polícia que aparece nas batalhas apenas para brevar o lazer da juventude negra, e se reflete nos espaços da cidade em que eles não se sentem incluídos.

Ao longo das entrevistas, foi comentado acerca da burocracia dos editais de cultura para a organização de eventos. Hoje as batalhas não acontecem apenas com o incentivo dos editais, exceto algumas que focalizam maiores eventos a partir deles, como a Batalha do Coreto 034 por exemplo. Batalha que, conforme observado na entrevista de Rjay, não tem sido realizada em todas as semanas devido à sua dedicação intensa na elaboração de um TCC. Por isso, no momento (2026), ela realiza algumas poucas edições da Batalha do Coreto 034. Com caráter anual e de modo independente. O auxílio dos editais é mobilizado para executar eventos de grande porte, como o Festival Batalha do Coreto 034.

Hoje a R Jay cumpre um papel importante na cidade: auxilia os MC's na interpretação dos editais e na compreensão sobre quais documentos são necessários. Nesse sentido, já foram realizados minicursos oferecidos para os integrantes da cena. Mas ela relata que muitos acabam desistindo, por ser difícil e nem sempre terem tempo para se dedicar ao preenchimento.

A Batalha da Z.O em comemoração de seus 10 anos foi realizada com o auxílio do Edital PNAB 08/2024, que é o chamamento público para financiamento de projetos culturais, realizado com recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), criada pela Lei nº 14.399/2022. Esse edital pede currículo dos organizadores, fotos comprovando eventos dos quais já participaram, objetivo do projeto, justificativa, metodologia da atividade, público-alvo, local da realização e cronograma das ações.

Quem ajuda a Batalha da Z.O no preenchimento desses editais é o Renatinho Brito. Figura muito importante para a cena, ele sempre esteve na organização da batalha e, atualmente, ajuda nos editais e está morando em SP. A parte que os MC's mais apresentam dificuldade é na elaboração do texto explicando o evento, acerca disso podemos pontuar o fato de que o edital tem uma linguagem acadêmica; o que afasta quem não tem acesso à educação e que dificilmente pode conseguir preencher esse edital. E essa linguagem técnica e acadêmica é para demarcar mesmo quem pode ou não pode fazer eventos culturais.

A última batalha de 10 anos que foi com apoio, tá ligado? A gente gastou 30 mil reais, tá ligado? Bagulho ficou da hora mas tipo assim, 30 mil conto mudaria a vida de muita gente. E tipo assim, foi um bagulho mo complicado de ganhar, e é uma coisa que já é nossa, bagulho é nosso. E a gente não faz acontecer de 4 em 4 anos não porra, a gente tá aqui toda semana todos os dias fazendo algo em prol. Mo corre pra fazer edital. (Filho da Bruxa, entrevista concedida a autora, 2026).

Quando fui à Batalha da Z.O em comemoração dos 10 anos da batalha (09/09/2025) eu pude ver várias crianças e idosos no local. Um ambiente cheio de jovens, com a galera do *Graffiti*, do *Rap*, do *Break*, do *Skate* mostrando que ali todos se sentem em casa, que são uma família. Sobre esse sentimento de família, a R Jay¹⁷, 26 anos, rapper, estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), produtora cultural e criadora da Batalha do Coreto 034, teve uma fala muito potente:

Talvez hoje elas sejam (as batalhas) O movimento que mais ocupa praças e ruas de forma geral no espaço urbano. Tem batalha de rima debaixo do viaduto, tem na praça na rua, no beco dentro de escola, em qualquer lugar. Todo lugar é lugar da batalha. Se constitui um movimento importante porque é onde as minorias se encontram e organizar seu lazer. Momento de identificação. Sente como família, se uniu para várias causas. Toda família tem problema, mas a gente era muito unido, se sentia em casa. Estava com nossos iguais (R Jay, Entrevista concedida à autora. Uberlândia, 2026).

¹⁷ A necessidade de um nome artístico surgiu em 2016, quando a artista passou a frequentar batalhas de *rap* de forma assídua e percebeu que, diferentemente dos demais participantes, não possuía um apelido que considerasse adequado ou impactante. Em busca de um nome que fosse ao mesmo tempo criativo, bonito e forte, recorreu à principal referência do rap nacional: os Racionais MCs. Ao analisar os nomes dos integrantes do grupo, identificou no vulgo de KL Jay — abreviação de Kleber + Jay (de deejay) — uma inspiração para criar o seu próprio. Assim, adotou a mesma lógica, resultando no nome R Jay. O apelido foi rapidamente aceito e consolidou-se de forma definitiva.

Imagem 4 – Batalha da Z.O – Aniversário 10 anos.



Fonte: Instagram, 2026.

Nesse sentido, as batalhas aglutinam jovens que são, em sua maioria, periféricos e negros. É o espaço onde ninguém fala por eles, pelo contrário: eles são os protagonistas de sua própria história. Ainda que exista represália e falta de incentivo, eles continuam reivindicando esse lugar político e social das batalhas.

CAPÍTULO 3: JUVENTUDE PERIFÉRICA, TRABALHO E EDUCAÇÃO

A perspectiva que norteia esse trabalho é aquela que identifica o jovem como ser social¹⁸. Nascido em um determinado contexto histórico, mas aberto para o mundo, que ocupa um lugar social, tem família e está entrelaçado em uma rede de relações. Esse jovem do *rap* também trabalha, estuda, namora e tem uma família. Esse jovem possui uma relação com a escola e com a cidade em que vive. Nesse sentido, pretendo, neste capítulo, explorar a relação desses jovens com o mundo do trabalho e a educação. Minhas indagações são as seguintes: quais são as perspectivas de futuros desses jovens? A educação cumpre qual papel em suas formações? O trabalho é disciplinador ou possibilidade de ascensão social?

A relação entre juventude, trabalho e educação é um elemento central para compreender a realidade social dos jovens que participam das batalhas de rima em Uberlândia. A trajetória de muitos desses sujeitos é marcada pela necessidade de ingressar precocemente no mundo do trabalho, muitas vezes conciliando atividades laborais com a escola ou, em alguns casos, abandonando os estudos para contribuir com a renda familiar. Nesse contexto, o trabalho aparece não apenas como meio de subsistência, mas também como uma experiência que atravessa a construção da identidade desses jovens e influencia suas possibilidades de acesso à educação.

Nas entrevistas todos os jovens relataram inserção precoce no mercado de trabalho. A MC Bruxa da Rima¹⁹, por exemplo, destacou que sempre esteve envolvida em diferentes tipos de ocupações, muitas vezes marcadas pela precariedade e pela baixa remuneração. Segundo ela:

Sempre trabalhei, de faxina, telemarketing, de jardim, fazendo paisagismo, trabalho atualmente no shopping 12x36. E a parte de juntar o ser artista e ser CLT é uma parte muito frustrante. Porque um dia você está em um lugar que todo mundo te acolhe e no outro ninguém sabe do seu talento, você é só mais uma pessoa carregando bandeja ou limpando o banheiro para alguém que tem poder aquisitivo. Como em um dia ganho um prêmio e no outro estou trabalhando em um lugar que ninguém me conhece ganhando 1.600 (Bruxa da Rima, entrevista, 2026).

A fala da artista evidencia uma contradição vivida por muitos jovens da periferia que atuam no campo cultural. Embora encontrem reconhecimento e pertencimento no universo das

¹⁸ DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 24, v. 2, p. 40-52, set./dez. 2003.

¹⁹ Segundo a artista, a escolha desse nome se deu por conta da Inquisição Católica, período em que mulheres eram mortas por puro machismo. O termo "bruxa" foi adotado pelo simples fato de que essas mulheres possuíam conhecimento sobre medicina, alimentos, números e tudo mais. Assim, compreende-se que esse nome carrega uma força simbólica significativa, pois representa toda uma luta das mulheres.

batalhas de rima e do *hip-hop*, no cotidiano do trabalho formal acabam ocupando posições pouco valorizadas socialmente. Dessa forma, a experiência de ser artista convive com a realidade de empregos precarizados, revelando as desigualdades presentes no mundo do trabalho.

A trajetória de R Jay também evidencia a entrada precoce no mercado de trabalho. Em seu relato, a entrevistada afirma que começou a trabalhar ainda na adolescência, realizando atividades diversas para contribuir com a renda familiar. De acordo com ela:

Comecei a trabalhar com 13/14 anos, comecei a trabalhar com meu pai mesmo e depois fazia o básico como toda criança de periferia, vender coisa na escola, entregar panfleto e fora o trabalho doméstico, que de sempre é jogado pra cima de nós. Consegui meu primeiro emprego de carteira assinada com 16 anos, saí logo de lá, era muito hostil (R Jay, entrevista, 2026).

Além de evidenciar o início precoce das atividades laborais, a fala também revela uma dimensão de gênero presente nessas experiências, uma vez que R Jay menciona a sobrecarga do trabalho doméstico, historicamente atribuída às mulheres. Atualmente, a entrevistada atua de forma autônoma, realizando trabalhos como *freelancer* e mobilizando os conhecimentos adquiridos ao longo de diferentes ocupações, muitas delas aprendidas com seu pai. Inserida no setor cultural, desenvolve múltiplas atividades nesse campo, ao mesmo tempo em que realiza *freelas* em outras áreas.

Outro relato significativo é o de Filho da Bruxa, que descreve as dificuldades enfrentadas por sua família e como essas experiências influenciaram sua relação com o trabalho desde cedo. Segundo ele, a necessidade de ajudar em casa fez com que buscasse diferentes formas de ganhar dinheiro ainda na infância:

Primeira vez que comecei a trabalhar eu ia pro CEASA com meu tio, e eles jogavam muita fruta e verdura fora. Ai a gente pegava, fazia saquinho de cenoura, tomate, pepino, maçã e ia vendendo no bairro. Sempre foi nessa intenção. Primeira vez que pensei em fazer dinheiro era pra entrar em um lugar e comer o que queria (Filho da Bruxa, entrevista, 2026).

A fala evidencia como a inserção no trabalho surge, muitas vezes, como estratégia de sobrevivência diante das dificuldades econômicas. O próprio entrevistado destaca que pequenas quantias já representavam uma contribuição importante para a família: “Às vezes 30 reais que eu entregava pra minha mãe valia muito mais do que um boletim com nota tudo A” (Filho da Bruxa, entrevista, 2026).

Nesse caso, o trabalho aparece como prioridade em relação à escola, revelando um dilema enfrentado por muitos jovens de baixa renda. O próprio entrevistado relata ter abandonado os estudos ainda cedo, embora reconheça posteriormente a importância da

escolarização: “Saí da escola com 13 anos, mas não é exemplo. É importante ter pelo menos o certificado do ensino médio” (Filho da Bruxa, entrevista, 2026).

Experiências semelhantes também aparecem no relato de Sentinela, que descreve sua trajetória por diferentes empregos marcados pela precarização e pela baixa remuneração. Segundo ele, sua primeira experiência profissional ocorreu aos 15 anos, em uma empresa de *telemarketing*, onde permaneceu por poucos dias. Posteriormente, passou por outras ocupações em restaurantes e no cinema, sempre com salários baixos e condições de trabalho difíceis. Como afirma o entrevistado: “Ninguém trabalha porque quer, é um bagulho necessário para não morrer de fome” (Sentinela, entrevista, 2026).

A fala evidencia uma percepção bastante comum entre jovens trabalhadores da periferia, para quem o trabalho não é necessariamente uma escolha, mas uma necessidade imposta pelas condições socioeconômicas. Os jovens entrevistados no artigo “Jovens ativistas das periferias: experiências e aspirações sobre o mundo do trabalho”²⁰, exemplificam essa questão. As oportunidades para os jovens no mundo do trabalho tem sido, majoritariamente, nas empresas de *telemarketing*, onde vivenciam uma rotina estressante e que causa o adoecimento de muitos desses jovens.

Ao mesmo tempo em que essas trajetórias são marcadas pelo trabalho precoce, a escola aparece como um espaço ambíguo na vida dos jovens. Em alguns casos, ela é vista como um lugar de oportunidades e formação, enquanto em outros é associada a experiências de exclusão e preconceito. A MC Bruxa da Rima, por exemplo, relatou ter enfrentado dificuldades no ambiente escolar por conta de sua origem nordestina. Segundo ela, por ter vindo da Bahia, sofria preconceito devido ao seu modo de falar, o que tornava o ambiente escolar hostil.

Essa experiência revela como a escola, embora seja um espaço fundamental para a formação cidadã, também pode reproduzir desigualdades sociais e culturais presentes na sociedade. Ao mesmo tempo, alguns relatos evidenciam o papel positivo que determinados professores podem exercer na trajetória desses jovens. No caso de Sentinela, por exemplo, um professor de História foi citado como uma figura importante em sua formação.

A disciplina de História, nesse sentido, desempenha um papel fundamental na construção da consciência crítica e na formação cidadã dos estudantes. Ao possibilitar a reflexão sobre processos históricos, desigualdades sociais e relações de poder, o ensino de

²⁰ CORROCHANO, Maria Carla; SOUZA, Raquel; ABRAMO, Helena. JOVENS ATIVISTAS DAS PERIFERIAS: EXPERIÊNCIAS E ASPIRAÇÕES SOBRE O MUNDO DO TRABALHO. **Revista Trabalho Necessário**, [S. l.], v. 17, n. 33, p. 162–186, 2019. DOI: [10.22409/tn.17i33.p29373](https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/29373). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/29373>. Acesso em: 26 mar. 2026.

História contribui para que os alunos compreendam melhor a realidade em que estão inseridos e desenvolvam uma postura crítica diante dela.

A educação enquanto instituição formativa aparece como um lugar repressor em todos os relatos. Para essa juventude negra a escola pouco agrega em termos de criatividade e sociabilidade. R Jay conta que sofreu *bullying* até o sétimo ano, após isso ela começou a se impor e ter mais respeito na escola, com isso começou a se tornar uma referência no espaço escolar e a sua identidade - que antes era julgada - começou a ser motivo de destaque. Ela conta que para isso acontecer ela precisou ser rebelde. Exigir respeito:

Em relação a educação, graças a deus eu tenho uma mãe que é professora, e um pai muito incentivador nesse sentido, então o incentivo dentro da minha casa sempre foi muito presente desde sempre. Acredito que minha mãe foi a primeira da família dela a se formar, então uma mudança muito grande para nós e consequentemente para os filhos, para seguirmos o mesmo caminho. E meu pai muito coruja, sempre no nosso pé nos falando pra estudar, ter diploma pra ter bom emprego, a vida toda sempre tive incentivo. Mas o ambiente da escola sempre foi muito hostil, muito difícil até chegar no final do ensino fundamental II. Sofri muito bullying na época da escola. É foda falar, mas briguei muito, apanhei muito eu era muito zuada. Justamente por ser uma mulher fora do padrão, não tinha outras meninas crianças que queria usar boné, usar gíria, soltar pipa e carrinho. Que não ficava falando de barbie, eu queria falar de 50 cent, entendeu? Isso tudo começou a mudar depois do 7 ano, justamente quando comecei a ser mais rebelde, comecei a exigir respeito. Você não gosta? Problema seu. Tive todo esse preconceito porque minha performance de gênero é diferente, isso causa confusão na cabeça das pessoas e elas me perguntam diariamente, as vezes até de forma muito intrusiva, tentando me convencer de que não sei o que sou ainda. E na escola era sempre assim, me chamavam de “ô macho fema” (R Jay, entrevista, 2026).

O trabalho aparece na vida desses jovens como uma obrigação e uma realidade em que não possuem nenhum tipo de perspectiva em relação ao crescimento profissional. Os jovens relatam que todos os trabalhos são precarizados e que, em sua maioria, as oportunidades são nas áreas de *telemarketing* e nas lojas do *shopping*. Mas é por meio do trabalho que eles começam a comprar itens que antes não conseguiam e ajudar em casa. Nesse sentido, o trabalho cumpre um papel importante na sua condição juvenil como forma de ter mais autonomia e possibilidade de comprar bens de consumo que, outrora, não eram possíveis.

Dessa maneira, compreender as experiências de trabalho e educação desses jovens permite compreendermos as contradições sociais em que estão inseridos. De um lado, uma escola nos moldes da BNCC que projeta uma visão neoliberal perspectivando o mundo do trabalho, do outro, oportunidades precarizadas, baixa remuneração, uma folga por semana e nenhum tipo de reconhecimento. Enquanto funcionários isso ficou bem claro; é um trabalho monótono, por obrigação, para se sustentarem. A escola é um espaço hostil:

Podemos afirmar que o mundo do trabalho pouco contribuiu no processo de humanização desses jovens, não lhes abrindo perspectivas para que pudessem ampliar suas potencialidades, muito menos construir uma imagem positiva de si mesmos. É um dos espaços do mundo adulto que se mostra impermeável às necessidades dos jovens em construir-se como sujeitos (Dayrell, 2003, p. 50).

Pensando nos jovens no contexto atual, podemos chegar a uma conclusão: **os jovens periféricos estão na linha de frente contra a crise do capitalismo**. Compõe em sua grande parte os “empregos” informais e no âmbito escolar a evasão recai majoritariamente sob a juventude negra: 14,9% dos desempregados no país têm menos de 25 anos e 38,5% trabalhavam na informalidade, sendo estes jovens na faixa etária de 18 a 29 anos, segundo o IBGE²¹.

Tais dados nos relembram uma grande mobilização que ocorreu em julho de 2020: o Breque dos Apps. Os entregadores de aplicativo, grupo formado majoritariamente por jovens, utilizaram o método histórico de luta da classe trabalhadora para se rebelar contra a “uberização”²² da vida: greve e mobilização nas ruas. Eles compõem o que podemos chamar de sujeitos invisíveis no capitalismo, sustentando as grandes empresas e abastecem as casas, o que Ricardo Antunes (2018) definiu acertadamente como “privilégio da servidão”²³.

Em um país onde, em termos de mercado de trabalho, a procura é maior do que a oferta e onde existe uma divisão racial do trabalho, a situação da juventude negra é, obviamente, a do setor mais atingido pelo desemprego aberto ou disfarçado. Graças ao racismo e às suas práticas, essa juventude encontra-se numa situação de desvantagem em termos de educação, de trabalho e até mesmo lazer (Gonzalez, 1979, p. 3).

²¹ NUNES, Júlia. **Desemprego entre jovens no Brasil é mais que o dobro da taxa de grupo mais pesquisa**. G1, 11 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2025/04/11/desemprego-entre-jovens-no-brasil-e-mais-que-o-dobro-da-taxa-de-grupo-mais-velho-aponta-pesquisa.ghml>. Acesso em: 26 set. 2025.

²² A uberização da vida é um conceito sociológico que descreve a expansão do modelo de gestão baseado em plataformas digitais - originalmente característico de serviços como a Uber - para além do trabalho, alcançando esferas cotidianas como relações afetivas, consumo, saúde, educação e lazer. Nesse contexto, a uberização da vida representa a radicalização do capitalismo neoliberal contemporâneo, no qual a lógica de flexibilidade, eficiência e sob demanda coloniza todas as dimensões da existência, fragilizando laços comunitários, intensificando a precariedade e naturalizando a instabilidade como norma.

²³ ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

CAPÍTULO 4: MULHERES NA CENA: RESISTÊNCIA DENTRO DA RESISTÊNCIA

Para essa pesquisa foram analisadas 5 entrevistas, sendo elas compostas por 2 homens e 3 mulheres. As mulheres da cena que entrevistei têm um peso enorme em Uberlândia e são referências para as meninas que estão começando no *rap*. Para adentrarmos na cena de mulheres, vamos começar pela Andrea Felix, 51 anos, nascida e criada em Uberlândia, e que está no *hip-hop* há 20 anos e é criadora do Udi *Hip-Hop* Festival: maior festival de *hip-hop* do Triângulo Mineiro. Atualmente também dá aula em Ong's de música e *slam*, tendo sido criadora do DMG (Das Minas Gerais *Hip-Hop*)²⁴ que foi o primeiro coletivo de mulheres do *rap* de Minas Gerais. Andrea dirigiu uma minissérie intitulada *Cotidiano negro*²⁵ e, recentemente, recebeu o convite para ser liderança da Frente Nacional de Mulheres no *Hip-Hop*, atualmente representante do estado de Minas Gerais:

A Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop é uma rede organizada por mulheres, ativistas, artistas e simpatizantes de todo o Brasil, além de quatro países: Moçambique, Chile, Estados Unidos e Cuba. Sua atuação envolve a liderança de ações em prol da participação feminina na cultura urbana, realizando diversas atividades de inserção das mulheres em todos os cenários da cultura hip hop. Desde 2010, a organização promove, anualmente e em diferentes cidades do país, fóruns nacionais nos quais são discutidas políticas públicas voltadas ao fortalecimento da cena formada por mulheres, a partir de diálogos sobre as esferas da sociedade que atuam diretamente com elas. (Ministério Público Do Trabalho, 2024)

Durante a entrevista, Andrea relatou as dificuldades pelas quais passou no início da sua jornada no *rap*, dentre elas foram destacados os machismos constantes. A entrevistada conta que continuou na cultura *Hip-Hop*, que sempre foi o acalanto dela. Andrea pontuava a todo momento a frase: “o hip-hop salva”, reforçando o papel importante do *Hip-Hop* na sua construção como mulher preta. Acerca dos machismos foi relatado que:

Eu passei por algumas, como eu cantei por muitos anos, eu passava por muita coisa, na época que comecei tinha uma ou outra menina que cantava. Eu chegava nos lugares, tinha a namorada do MC ou a irmã do grafiteiro que ajudava a levar as latas. Eram palavras que me diminuía, os caras falavam “você tá aqui atrás de homem, não gosta de hip-hop nada” “veio aqui se mostrar”, porque eu sempre gostei de usar shortinho, blusinha, eu não estava nem aí, porque havia uma força que não me deixava parar. Porque eu ouvi isso em casa também, não só na rua. Me perguntavam porque

²⁴ RAP FAMÍLIA D.J PRODUÇÕES D.J FILMES. **DMG Coletivo das Minas Gerais – Respeita as Minas (Família D.J Produções)**. YouTube, 2020. Vídeo (4 min 21 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QgCOqYjw0Fg>. Acesso em: 12 mar. 2026.

²⁵ **COTIDIANO NEGRO. Ep. 1 (Temp. 1) – Série Cotidiano Negro**. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3zVVduYAoA4>. Acesso em: 12 mar. 2026.

eu não cantava outros estilos, que minha voz tinha amplitude para outros estilos, me chamavam de burra (Andrea, entrevista, 2026).

Imagem 5: Logo 3 edição Udi Hip-Hop Festival.



Fonte: udifestival. Instagram, 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8CdTX3ulYn/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

Imagem 6: Grupo DMG.



Fonte: Facebook, 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2462968287255192&set=pb.100067148648158.-2207520000>. Acesso em: 13 mar. 2026.

Somado a esse relato, a entrevista com Bruxa da Rima (23 anos) também compartilha de experiências similares. A MC nasceu na Bahia e ali morou até os três de idade, ela relata que a família decidiu vir para o sudeste por ter mais oportunidade de emprego. Conheceu o *rap* por conta do pai, mas a mãe era adventista, o que impossibilitava que Bruxa da Rima escutasse muito, podia escutar apenas no quarto; de forma escondida. A artista participou de várias batalhas de rima na cidade e de eventos culturais. Já realizou oficina de rima no SESC e na ocupação Fidel Castro. Participou do Udi *Hip-Hop* festival como MC e realizou um projeto em Catalão, Goiás, intitulado “Mulheres na voz por liberdade”, que era voltado para mulheres oriundas de famílias com pessoas que estão em situação de privação de liberdade. A MC relata que:

2018 fui na minha primeira batalha, participei, tive uma leve dor de barriga de medo, por ser um ambiente muito masculino, aí comecei a participar das batalhas fui me aprofundando mais, sai de casa bem cedo, sai com 15 anos, então comecei a trabalhar bem cedo. Hip-Hop foi uma forma de me expressar de um jeito que eu não poderia me expressar em casa (Bruxa da rima, entrevista, 2026).

Outra MC entrevistada que também participou do DMG com a Andrea Félix é a R Jay, (26 anos) criadora da Batalha do Coreto 034, artista que teve a trajetória mencionada anteriormente e que será aprofundada nas linhas a seguir. Em fevereiro de 2017, R Jay criou a Batalha do Coreto 034, que ocorre na Praça Clarimundo Carneiro no Centro de Uberlândia, reunindo centenas de jovens todos anos com a batalha de rimas e abrangendo outras expressões da cultura *hip-hop*. Além de promover festivais de grande porte na cidade, o duelo já conta com 68 edições realizadas e se tornou um dos mais tradicionais da região.

A MC também produz documentário de forma amadora, escreve projeto para edital, é poeta e atualmente está como oficina de rimas no programa de prevenção de homicídios Fica Vivo²⁶, no Jardim Canaã (bairro localizado na zona oeste da cidade de Uberlândia). Começou no *hip-hop* ainda criança, ao escutar de um vizinho quando ela tinha entre 8/9 anos. Primeiramente, ela começou pela dança, no Cia De Dança Do Pérola Negra, no bairro Luizote de Freitas (também localizado na região oeste da cidade de Uberlândia), R Jay dançou por mais de um ano. Depois, com 12 anos de idade conheceu o *rap* nacional, e foi quando ela se identificou e começou a entender a sua própria realidade.

Começou a escrever músicas, aprendeu a arte do *freestyle* na internet com o uso do MSN e do Orkut, e foi aprendendo a rimar em casa, com gravações caseiras. Começou a divulgar o trabalho pelas redes e começou a ser identificada no seu bairro (Luizote). Com 14 anos já começou a produzir eventos e se aprofundar no *rap*. Ela relata que começou a participar de forma mais ativa com 16 anos, quando surgiu a oportunidade de apresentar uma batalha, no evento “Rima na Praça”. Um dia, o Martin a chamou para assumir a frente, e ela topou. A partir daí, começou a apresentar e organizar. Depois criou a Batalha da Bicota (uma praça localizada na região central de Uberlândia):

Criei a batalha da bicota, e eu já tava batalhando em todas da cidade, batendo de frente, e insistindo, mesmo com todas as dificuldades, com todas as barreiras machistas e misóginas, que sempre encontrou no caminho, dentro e fora dos rings, dentro e fora das batalhas, dentro e fora da escola, dentro e fora de casa, em todos os lugares (R Jay, entrevista, 2026).

R Jay também relata que, por ter começado cedo a ir nas batalhas, contava com a ajuda da mãe e fugia para participar dos eventos:

Foi muito difícil no início, aquele negócio, sou filha casula, filha mulher, aí tinha aquele negócio “ah ce não vai sair de casa”, “ce tá indo para aquele lugar cheio de

²⁶ MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública. **Fica Vivo!** Belo Horizonte: Governo de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.seguranca.mg.gov.br/index.php/prevencao/programas/fica-vivo>. Acesso em: 13 mar. 2026

Não pretendo colocar todas as ações das três MCs, mas o currículo é extenso e elas representam muito na cena de Uberlândia. São elas que estão na frente, construindo esses espaços, se aprofundando nos editais para trazer mais qualidade aos equipamentos e disponibilizar prêmios para os ganhadores. Por onde passei, R Jay, Bruxa da Rima e Andrea Félix eram sempre citadas.

O que me motivou ao longo da pesquisa a pensar a realidade das minas no rap foi a pouca quantidade de mulheres na cena em comparação com os homens. Quando eu direcionava essa dúvida para os homens, a resposta era similar: existe machismo no movimento. E quando eu questionava as mulheres, elas me traziam mais elementos sobre o que é esse machismo vivido por elas: o desconforto de achar que ganhou a batalha apenas para cumprir a “cota” por ser mulher, o não ser tratada como artista, o cara ter sempre segundas intenções, e as rodas de homem nas quais nem sempre elas se sentem incluídas.

Então, essas mulheres precisam se reafirmar duas vezes para estar naquele espaço. Os homens se sentem em casa, em lugar de identidade e compromisso com a causa social. As meninas chegam no espaço já com uma carga: são lidas pelo gênero. E nessas relações, ainda que seja um espaço político, essas pessoas estão inseridas em um tecido social arraigado de machismo:

Todos os estados a gente vê o quanto é foda, principalmente ser mulher no Hip-Hop, é a parte mais triste pela sexualização, falta de acesso das coisas, acho que é complicado, ser artista independente é ruim, mas ser mulher e artista é pedir pra sofrer o dobro (Bruxa da Rima, entrevista, 2026).

Ao longo da história do movimento hip-hop, a presença feminina muitas vezes foi invisibilizada nas narrativas mais difundidas sobre o surgimento e o desenvolvimento dessa cultura. Apesar disso, as mulheres sempre estiveram presentes na construção do movimento, participando como MCs, dançarinas, grafiteiras, produtoras culturais e organizadoras de eventos. Um exemplo importante dessa participação pode ser observado já no momento inicial da cultura hip-hop, quando Cindy Campbell organizou, em 1973, uma festa no bairro do Bronx, em Nova York. Na ocasião, Campbell convidou seu irmão, o DJ Kool Herc, para tocar no evento, que ficou conhecido posteriormente como uma das primeiras manifestações do que viria a ser chamado de *hip-hop*.

O acontecimento que demarca o nascimento da cultura Hip-Hop foi o aniversário de Cindy Campbell, irmã de Clive Campbell. Cindy organizou sua própria festa de aniversário com o objetivo de gerar fundos para subsidiar o seu retorno às aulas do ensino regular e conseguir se manter financeiramente. Investiu 25 dólares e comprou comidas e bebidas, com a ajuda do pai conseguiu o local, confeccionou os convites e convidou seu irmão DJ Kool

Herc para animar a festa. O aniversário de Cindy Campbell é considerado o nascimento da cultura Hip Hop, porque foi ela quem organizou o evento e convenceu seu irmão a tocar no Bronx, o qual teve um grande papel na festa, tocou os melhores ritmos da noite, deixando a plateia completamente entusiasmada, mas Cindy Campbell foi a peça que originou o Hip-Hop em 11 de agosto de 1973, data que se consolidou como momento histórico desta cultura. No decorrer da história Cindy foi considerada a primeira produtora de eventos de Hip-Hop, ela também foi b-girl e grafite (Santos, 2022, p. 20-21).

Apesar dessa presença feminina desde o início, ao longo das décadas seguintes o movimento passou a ser majoritariamente associado às figuras masculinas, especialmente no rap e nas batalhas de rima. Essa predominância masculina reflete, em grande medida, as desigualdades de gênero presentes na própria sociedade, que muitas vezes dificultam ou limitam a participação das mulheres em determinados espaços culturais.

Então, o movimento é político e um espaço muito importante para a juventude negra. Mas a presença feminina nesses espaços ainda passa pelo atravessamento do machismo estrutural. Pretendo aprofundar essas questões no mestrado.

Analizando, por exemplo, as letras de rap: no livro “O Rap no Brasil”, o professor Roberto Camargos analisa as letras do Racionais MCs e o estereótipo da mulher que leva para o mal caminho, que aparece nas letras, remontando aquele arquétipo cristão da Eva. Nesse sentido, alguns estudos apontam que as representações de gênero presentes em parte da produção do rap tendem a associar o masculino a elementos como ação, protagonismo e poder de transformação. Já as figuras femininas, muitas vezes, aparecem em posições secundárias ou menos valorizadas dentro da construção das relações sociais no interior dessas narrativas musicais (Camargos, 2014, p. 245).

Uma fala da Bruxa da Rima me chamou muito a atenção quando ela relatou que as mulheres, dentro do rap, fazem a resistência dentro da resistência:

Todas as pesquisas consultadas apontaram experiências de discriminação das mulheres em relação à sua expressão artística do rap e às suas performances no palco do hip-hop. São vivências marcadas, muitas vezes, pela busca de impor limites às ações das jovens não apenas nos palcos, mas também relacionadas ao controle de seus corpos, desde a roupa que usam nas atividades do movimento, no seu comportamento sexual em relacionamentos dentro do grupo, além das próprias restrições vinculadas às oportunidades de trabalho no campo da música rap (Silva, 1995; Matsunaga, 2008; Gomes, 2008).

Dessa forma, compreendo que a experiência dessas mulheres diz muito sobre a formação das nossas crianças e o tipo de sociedade que vivemos. O patriarcado é um sistema de opressão que opera em prol do capital. O controle dos corpos femininos faz parte de um projeto político: o estereótipo da dona de casa que faz tudo por amor serve para mascarar o

trabalho doméstico não remunerado das mulheres. O estereótipo da feminilidade é para que fiquemos caladas e quietas, porque trazer nossa autenticidade para o jogo ameaça. Ainda mais se falarmos sobre nossas dores e nossos limites. Mulher tem que ser dócil, não pode falar demais. É isso que está posto na ordem do dia.

Mas as mulheres do *rap* colocam o pé nessa porta e dizem: esse espaço é nosso! E elas ocupam e fazem o bagulho acontecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa, primeiramente, representa que é possível para aqueles que nunca se imaginaram em uma Universidade Federal, ou que nunca se imaginaram produzindo um texto acadêmico. Eu não tive como intuito, nessa pesquisa, ter um texto enrijecido e extremamente acadêmico. Eu quero falar com os meus.

Assim como os jovens que entrevistei, eu nunca me senti muito bem em Uberlândia, mesmo sendo nascida e criada aqui. Compreendo o quanto a cidade está atravessada por preconceito - e ele não é neutro-, vem de um lugar, dessa elite agrária que nos vê como massa de mão de obra barata.

Assim como esses jovens, as oportunidades de trabalho que tive foram precarizadas, em especial no *telemarketing*. Por um tempo, tive que me afastar daquilo que me traz vida - que são meus estudos - para conseguir comer. Mas o hip-hop foi esse lugar de acolhimento, onde eu me sentia com os meus.

A arte é esse lugar de consciência política em que elaboramos e reelaboramos nossa existência. E nessas resistências, criamos insistências para que a realidade não seja a mesma, porque não estamos satisfeitos e não vamos parar de gritar - seja nos *rings* ou nas manifestações. A juventude negra não se cala diante do opressor. E essa pesquisa é um exemplo disso: mesmo com todas as dificuldades, nós continuamos produzindo e existindo.

Portanto, concluo que essa pesquisa não se esgota aqui. É um início de trajetória acadêmica: o rap me deu isso. E eu agradeço imensamente a todos que toparam a entrevista, em especial ao MC Sentinela, que, com 17 anos e muita humildade, me mostrou que as novas gerações seguram o bastão e que a nossa luta não acabou. E essa é a nossa força.

FONTES ORAIS

BRUXA DA RIMA. Entrevista concedida a Gabrielle Silva Carlos. Uberlândia, 6 fev. 2026. Gravação de vídeo.

FÉLIX, Andrea. Entrevista concedida a Gabrielle Silva Carlos. Uberlândia, 9 dez. 2025. Gravação de vídeo.

FILHO DA BRUXA. Entrevista concedida a Gabrielle Silva Carlos. Uberlândia, 27 jan. 2026. Gravação de vídeo.

R JAY. Entrevista concedida a Gabrielle Silva Carlos. Uberlândia, 13 fev. 2026. Gravação de vídeo.

SENTINELA. Entrevista concedida a Gabrielle Silva Carlos. Uberlândia, 5 fev. 2026. Gravação de vídeo.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Tradução de Heci Celina Pinto. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BATALHA DO CORETO 034. **Barreto (SP) X Magrão (SP) | Segunda fase | Festival Batalha do Coreto 034**. YouTube, [S. l.], [202-?]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PLiQz8vavu8>. Acesso em: 13 mar. 2026.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232. (Obras escolhidas, v. 1).
- BISPO, Antônio dos Santos. **Colonização, quilombos**: modos e significados. [S. l.]: [s. n.], 2015. Disponível em: http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf. Acesso em: 12 mar. 2026.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAMARGOS, Roberto. **O rap no Brasil**: a periferia com o poder da palavra, 1988-2015. 1. ed. Teresina: Cancioneiro, 2024.
- CASTRO, H. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. [páginas do capítulo].
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. Ilustrações de Marcelo D'Saete. São Paulo: Veneta, 2020.
- CORREIA, Carlos Humberto Pederneiras. **O documento de história oral como fonte histórica**: uma experiência brasileira. 1977. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1977.
- CORROCHANO, Maria Carla; SOUZA, Raquel; ABRAMO, Helena. Jovens ativistas das periferias: experiências e aspirações sobre o mundo do trabalho. **Revista Trabalho Necessário**, [S. l.], v. 17, n. 33, p. 162–186, 2019. DOI: 10.22409/tn.17i33.p29373. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/29373>. Acesso em: 26 mar. 2026.
- COTIDIANO NEGRO. **Ep. 1 (Temp. 1) – Série Cotidiano Negro**. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3zVVduYAoA4>. Acesso em: 12 mar. 2026.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.
- DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

DIAS, Cristiane Correia. **A pedagogia Hip Hop: consciência, resistência e saberes em luta**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

ESQUERDA DIÁRIO. **Quando surgiu o hip hop?** 24 dez. 2023. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Quando-surgiu-o-hip-hop>. Acesso em: 11 mar. 2026.

FANON, Frantz. **Racismo e cultura**. São Paulo: Terra Sem Amos, 2021.

FÉLIX, João Batista de Jesus. **Hip hop: cultura e política no contexto paulistano**. Curitiba: Appris, 2018.

FERNANDES, C. M.; LEME, A. A.; LENK, W. A formação econômica e urbana de Uberlândia e o Programa Minha Casa Minha Vida: interesses político-econômicos e desafios sociais. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA**, 11., 2015, Vitória. Anais [...]. Vitória: ABPHE, 2015.

GONZALEZ, Lélia. A democracia racial: uma militância. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 222–225, jul. 2019.

GONZALEZ, Lélia. A juventude negra brasileira e a questão do desemprego. **Resumo apresentado na Segunda Conferência Anual do African Heritage Studies Association**, [S. l.], 26-29 abr. 1979.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. [páginas do capítulo].

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010. cap. 8, p. 167-213.

LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introdução aos estudos históricos**. São Paulo: Renascença, 1946.

MINAS GERAIS. **Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública. Fica Vivo!** Belo Horizonte: Governo de Minas Gerais, [s. d.]. Disponível em: <https://www.seguranca.mg.gov.br/index.php/prevencao/programas/fica-vivo>. Acesso em: 13 mar. 2026.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO (MPT). **Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop se une ao MPT e MPSP em pacto pelo enfrentamento da violência contra a mulher em espaços de lazer**. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.prt2.mpt.mp.br/1265-frente-nacional-de-mulheres-no-hip-hop-se-une-ao-mpt-e-mpsp-em-pacto-pelo-enfrentamento-da-violencia-contra-a-mulher-em-espacos-de-lazer>. Acesso em: 12 mar. 2026.

MORDENTE, Giuliana Volfzon; PORTUGAL, Francisco Teixeira. Neoliberalismo escolar: subjetivações submissas da educação brasileira. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 27, p. 1–25, 2024. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.27.23175.036. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>.

NUNES, Júlia. **Desemprego entre jovens no Brasil é mais que o dobro da taxa de grupo mais velho, aponta pesquisa**. G1, São Paulo, 11 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2025/04/11/desemprego-entre-jovens-no-brasil-e-mais-que-o-dobro-da-taxa-de-grupo-mais-velho-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 26 set. 2025.

OLIVEIRA, Denílson Araújo de. **Cultura política urbana: uma análise da inscrição territorial do hip-hop no bairro de Monjolos, São Gonçalo (RJ)**. [S. l.]: [Academia.edu](https://www.academia.edu), [s. d.]. Disponível em: <https://www.academia.edu/36855335>. Acesso em: 11 mar. 2026.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. **História da Historiografia**, v. 11, n. 28, p. 104-140, 2018.

PEREIRA, Amílcar Araujo. Movimento negro contemporâneo, memória e educação: aspectos da luta antirracista na segunda metade do século XX. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 27., 2013, Natal. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de gênero e história social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. [páginas do artigo], jan./abr. 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RAP FAMÍLIA D.J PRODUÇÕES D.J FILMES. **DMG Coletivo das Minas Gerais – Respeita as Minas (Família D.J Produções)**. YouTube, 2020. 1 vídeo (4 min 21 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QgCOqYjw0Fg>. Acesso em: 12 mar. 2026.

SANTOS, Thaysa Cristina Magalhães dos. **O corpo feminino na cultura hip-hop: uma análise histórica, social e cinesiológica**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/server/api/core/bitstreams/39320b82-0216-4ce5-892b-9b957aeeb239/content>. Acesso em: 13 mar. 2026.

SELO RORSCHACH. **#01 - Um dia com Filho da Bruxa (Artista Desconhecido)**. YouTube, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/BvNpNdIy-rc>. Acesso em: 14 abr. 2026.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lília Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARZ, Lília Moritz. Teorias raciais. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. [páginas do verbete].

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-100, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**. São Paulo: UNESP, 1992. p. [páginas do capítulo].

SILVA, J. A. **Salve família 034!:** a relação de familiaridade afetiva entre os pilares do hip-hop em Uberlândia – MG. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, José Jonas Borges da. O racismo e o pensamento de Clóvis Moura: elementos para um debate. **Kwanissa**, São Luís, v. 4, n. 7, p. 176-205, 2021.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**. 1988. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

SOUZA, Manuela Queiroz de. “Ele te atacou, você vai deixar?”: decolonialidade e identidade: as batalhas de rima como formação de jovens negros e periféricos. **Revista Nzinga**, v. 1, n. 1, 2026.

Disponível em: <https://www.revistanzinga.com.br/index.php/inicio/article/view/19>. Acesso em: 12 mar. 2026.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TREZE CLAN PROD. **Batalha da Z.O – Treze Clan Prod**. Uberlândia, 2025. Disponível em: <https://mapa.cultura.gov.br/files/agent/1754892/batalha-da-z-o-treze-clan-prod-1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2026.

TROTSKY, Leon. **Trotski e a luta das mulheres**. São Paulo: Edições Iskra, 2015.